



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA		TARDE	
DIÁRIO		<i>Tribuna</i>	28 DEZ 1979
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

## O fim de um mito

**P**RIMEIRO-MINISTRO dixit: o inéxito da sua governação e da proposta política que a substanciava devem-se à Comunicação Social, que «engana o Povo português». Perante tal juízo, não sabemos que mais admirar e o que melhor justifica a nossa estupefacção: se a impudícia da condenação, se o que ela revela de desrazoamento em individualidade obrigada pela natureza das suas funções a possuir mente serena e equilibrada, o que se não compadece com atitudes emotivas.

Vejamos. Ao fim da «Marcha de 100 dias», que afinal foram 149, o que fica do terceiro e último Governo de inspiração presidencial? A resposta pode formular-se sem qualquer passagem do tempo, pois os actos e os desactos que assinalaram o labor do Executivo cessante estão na memória de todos. Alguns tiveram, mesmo, tal retumbância, em especial pelo inusitado do comportamento do primeiro-ministro, que a sua memória perdurará.

A conclusão pode adiantar-se, de facto, sem risco de desmentido futuro. A derrocada de um mito é a principal ilação a extrair da infeliz experiência tentada por Ramalho Eanes com o Governo cessante. O mito que se desmoronou foi o de uma ML Pintasilgo (sempre «ministeriável» em quantos governos se sucederam) dotada de excepcionais dotes para a vida pública, um misto de Margareth Thatcher e Golda Meir condimentado com impulsividade latina que permite liberdades impensáveis, em usos e costumes, na fria Albion e no austero Israel. Ora, a eng.ª Pintasilgo revelou-se, ao fim e ao cabo, uma personagem de craveira média, tal como sucedera aquando da sua passagem pelas lides políticas antes do 25 de Abril. Exornada, é certo, de algumas qualidades mas de nenhum modo o factor positivo compensando defeitos que seriam perdoáveis no cidadão comum (incontinência verbal, conflagradora auto-suficiência, uso imoderado da demagogia — e fiquemos, misericordiosamente, por aqui) mas inaceitáveis numa pessoa com as suas responsabilidades.

**A** AUTO-SUFICIÊNCIA, por vezes mesclada de arrogância, calaram nela a voz da prudência logo depois da nomeação para a chefia do governo. Assim, teve a dita, que só tardiamente descobriu ser desdita, de por palavras e actos concii-

tar a antipatia das forças que melhor a apoiariam na finalidade determinada ao elenco ministerial a que presidiu — preparar as eleições e assegurar a gestão da máquina administrativa no interregno que as antecedia. Alardeando devoção à Democracia e conotada, ao que dizia injustamente, com uma corrente tereiro-mundista de inviabilidade provada num País como o nosso, empenhou-se em demonstrar a veracidade da última opção e coube-lhe, por isso, a discutível honra de contar até ao fim do seu mandato com o aplauso nunca reticente de forças políticas para as quais a Democracia só é aceitável nos moldes vigorando em países totalitários. Vangloriando-se de governar apenas por 100 dias, apresentou um mirabolante Programa de Governo talvez exequível em 100 semanas e que não passou de vão enunciado de objectivos que a ninguém convenceram. Esquecendo o tempo limitado de que dispunha, animou-a a estulta pretensão de auscultar o «sentido do Povo» — em iniciativas puramente demagógicas e deslocadas que, afinal, pouco lhe aproveitaram.

E já que não podemos apontar os erros que amontuou, ao longo de cinco meses, alguns escandalosos (como no caso da Comunicação Social estatizada), os dislates de que foi autora, as injustiças que patrocinou, citemos, por último, o ridículo afã legislativo do seu Executivo nos derradeiros dias, com o propósito despuadoradamente evidente de dificultar a acção do próximo governo. Animada, católica praticante que dizser, pela caridade cristã, ML Pintasilgo dirá: «après moi le déluge...»

**O** MITO Pintasilgo desmoronou-se. Quase sem dignidade. Com um ressaibo odioso de «raivinha» (esta, sim, bem feminina...), patente nas suas declarações de ontem. As culpas de tudo pertencem à Imprensa, à Rádio e ao canal da TV da sua antipatia. A proposta política de que se orgulha, o seu mirífico plano de reformas, aí estariam, se assim não fora, e seríamos todos felizes, particularmente se em vez de 149 dias governasse 149 semanas...

Uma tristeza, este «Watterloo» que corou 149 dias de Poder e não os 100 que apesar de tudo dignificaram Napoleão. Assistimos, com comiseração, ao desmoronar inglorio de um mito a que o Presidente da República deu alento. — PC